

# Um inimigo implacável? As políticas e as ciências do fogo em Portugal (1900-1980)

José Miguel Ferreira (IHC NOVA FCSH / IN2PAST), Inês Gomes (IHC NOVA FCSH / IN2PAST) e Frederico Ágoas (CICS.NOVA)

*Paisagens de fogo: Uma história política e ambiental dos grandes incêndios em Portugal (1950-2020). Ref: PTDC/HAR-HIS/4425/2021*

T I T U L O LXXXIII.

*Da pena que averam os que poem foguos.*

**D**EFENDEMOS que pessoa algũa de qualquer qualidade, e condiçam que seja, nom ponha foguo em parte algũa. E poendo-se alguũ foguo em lugar de que se possa seguir dãno, Mandamos aos Juizes, e Officiaes das Cidades, Villas, e Luguares onde se taes foguos aleuantarem, que acudam, e façam a elles acudir com muita deligencia, pera prestes se averem de apagar, fazendo pera isso os constrangimentos, que lhes necessarios parecerem. E tanto que o foguo for apagado, se alguũ dãno teuer feito em paës, ou vinhas, ou oliuaes, ou em outras nouidades, ou aruores de fruto, colmeas, ou em coutadas de matos, e foueraes, paciguos, ou em outros aruoredos, quer sejam proprios dos Concelhos, quer baldios, os Juizes vam logo com algũas pessoas, que nisso bem entendam, estimar o dãno, que o foguo fez. As quaes pessoas seram ajuramentadas, que bem e verdadeiramente façam a dita extimaçam, sendo presente a parte, ou partes, a que o dãno tocar, se em esse Lugar esteuerem, ou o Procurador do Concelho, se o dãno outra parte nom teuer, da qual extimaçam darã certidam feita por Tabaliam publico. aas partes que a requererem, e ao Procurador do Concelho, do que a elle tocar, a qual será afinada polos Aualiadores pera por ella cada huũ requerer, e arrecadar

- **1521**: “Defendemos que pessoa alguma de qualquer qualidade, e condiçam que seja, **nom ponha foguo em lugar de que se possa seguir dano**”;
- **1605**: “Mando e defendo que nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, **ponha, nem mande por fogo** nas Montarias, Matas e Coutadas”;
- **1751**: “Havendo no Pinhal algum incendio, mandará o Guarda Mor tocar o relógio (...) **para que com toda a pressa lhe assistão com tudo o que for necessário para se apagar o fogo**”;
- **1824**: “Hum dos pontos que deve merecer a sua mais vigilante atenção **he evitar qualquer incêndio**, e remediallo, no caso que venha a succeder”.

**"Assim, do norte ao sul do Alentejo, assim como do leste ao oeste, a cultura pelo fogo, por *roças* e *queimadas*, era um sistema na verdadeira acepção da palavra.** Não se tratava de um meio ocasional ou acessório de complementar a colheita, mas sim de **um modo de produção que ocupava um lugar central na vida agrícola.** De um aspeto central da mesma. E assim permaneceu muito para além do fim do Antigo Regime, até ao final do século passado".

Albert Silbert, *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime* (1966), p. 454

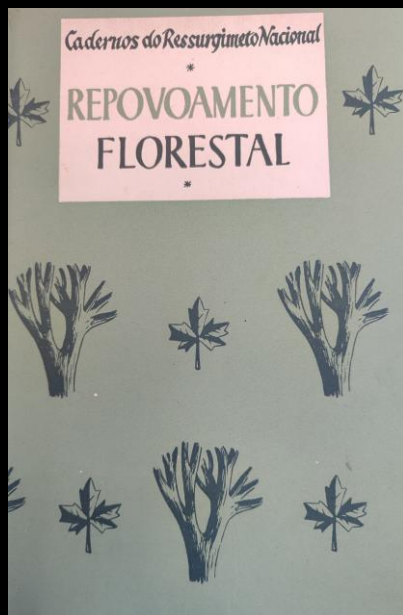




"Grande é a criação espontanea de chaparral d'azinho e sobro que apparece em todas as vertentes, ainda as mais ingratas; **mas o barbaro systema das roças, moreias, e mesmo queima dos matos pelos pastores**, para obterem uma diminuta colheita de trigo ou centeio n'alguma chapada de melhor chão, ou para desembaraçar grandes superfícies para os gados pastarem, **destróe em poucos momentos o que tanto custa a obter em muitas localidades, aniquila completamente a prodigalidade da natureza n'este clima...**"

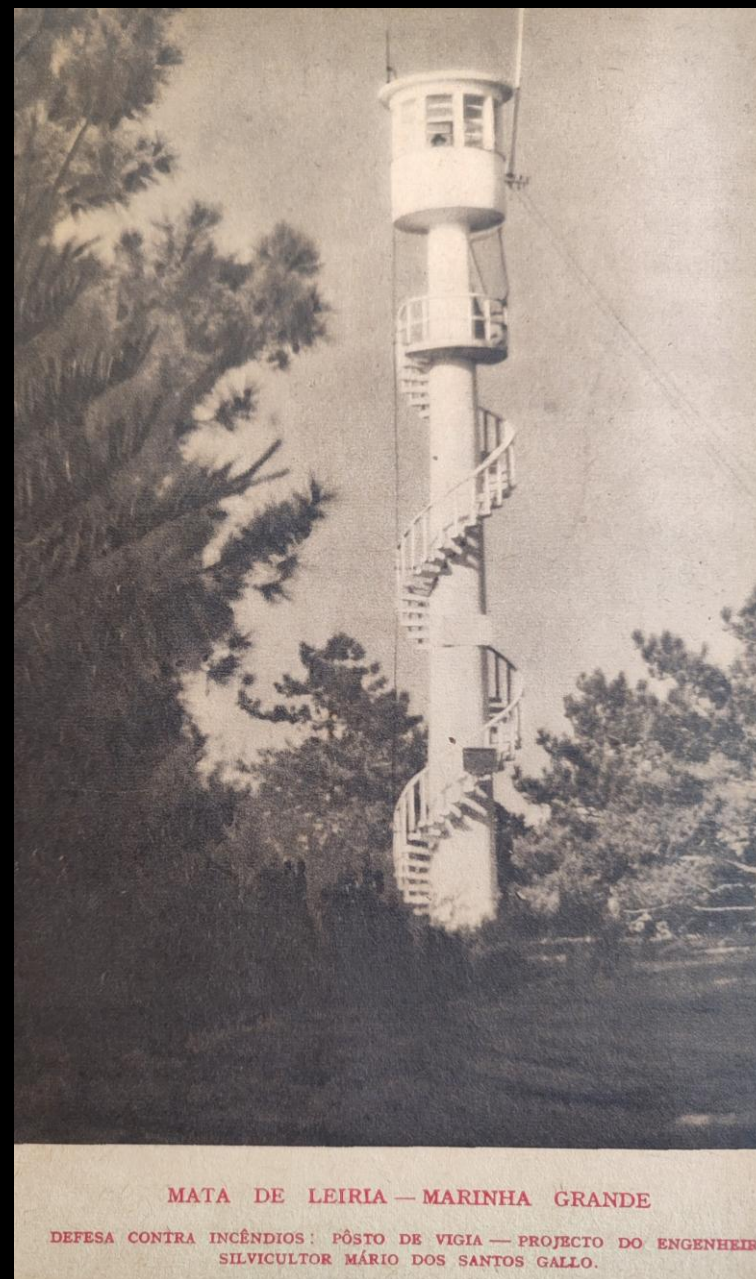
Ribeiro e Delgado, *Relatório Acerca da Arborisação Geral do Paiz* (1868)

Carta Agrícola e Florestal de Portugal (1910)



I

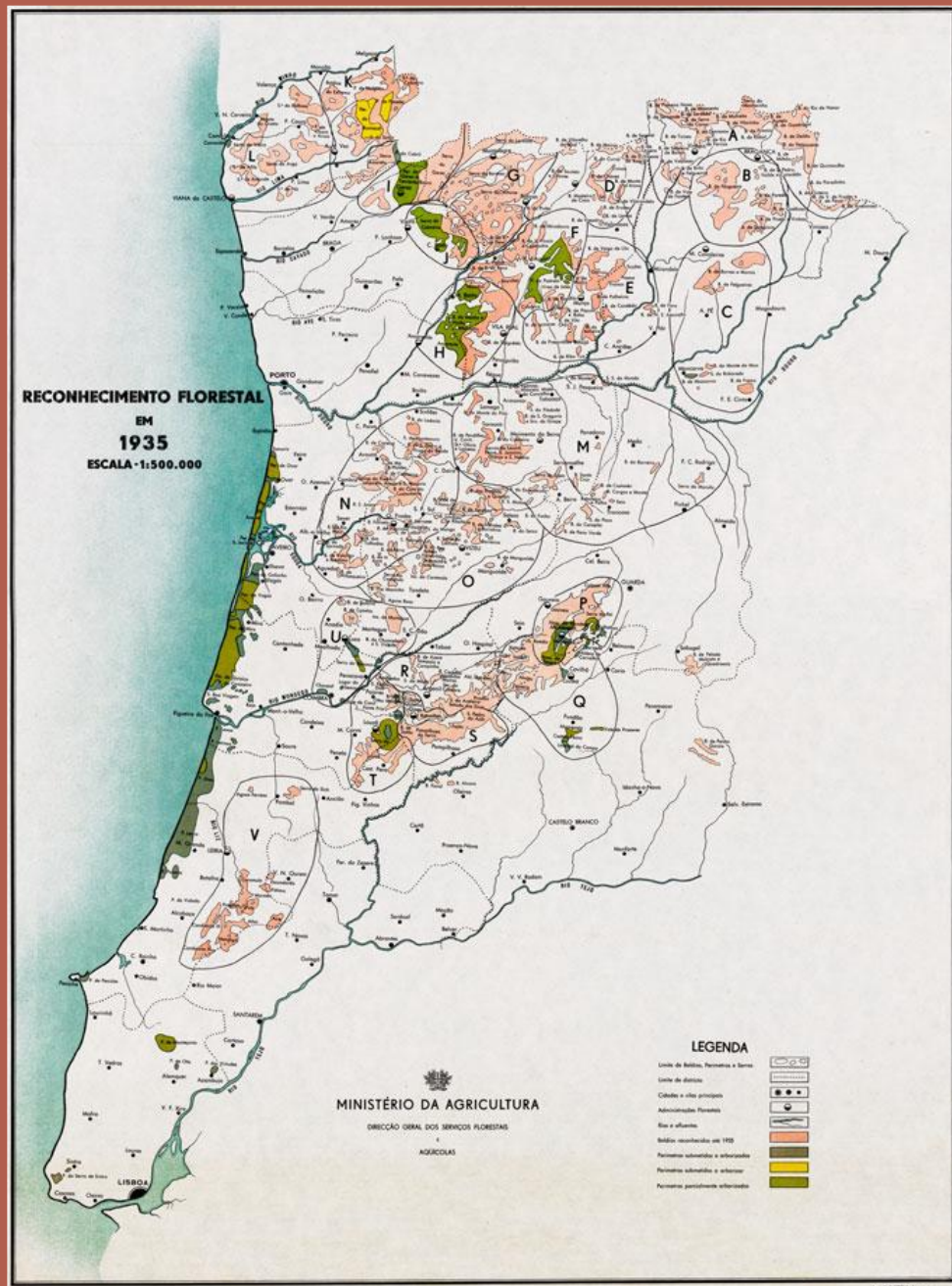
PORTUGAL, PELAS SUAS CARACTE-  
RÍSTICAS MESOLÓGICAS, É UM PAÍS  
ESSENCIALMENTE FLORESTAL.



|

**Criar uma floresta  
sem fogo**

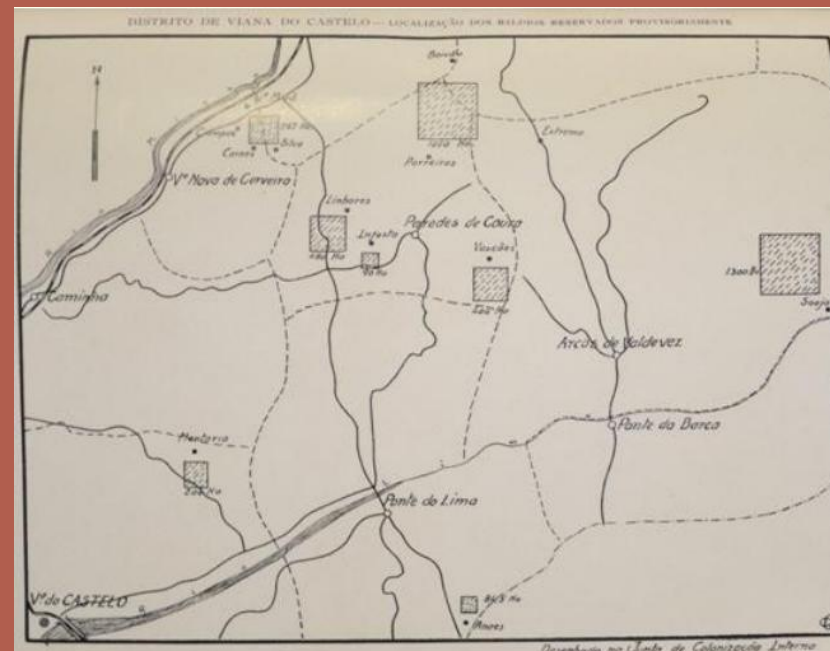




Reconhecimento Florestal, Ministério da Agricultura (1935)



Arborização dos baldios, Serra do Soajo (c. 1933)



Carta dos baldios demarcados provisoriamente,  
Distrito de Viana de Castelo (JCI, 1939)

“Das obras de reconstituição económica e defesa nacional que o Estado Novo empreendeu, o repovoamento florestal dos baldios e dunas a norte do Tejo é, sem dúvida, das mais fecundas e a que melhor serve à demonstração irrefutável de que a política actual é uma Política de Verdade, uma política atinente ao engrandecimento da Nação – e não à simples aparência para justificação de qualquer coisa mesquinha (...)

Todas essas características, juntamente com o egoísmo do público, em relação às descendências mais ou menos longínquas – a par de rotineiro temor quanto a possíveis modificações nos usos e costumes de certos habitantes – tornam esta obra para alguns pouco desejada ou, até, impopular”.

*“Repovoamento Florestal”, em Cadernos do Ressurgimento Nacional (1945)*

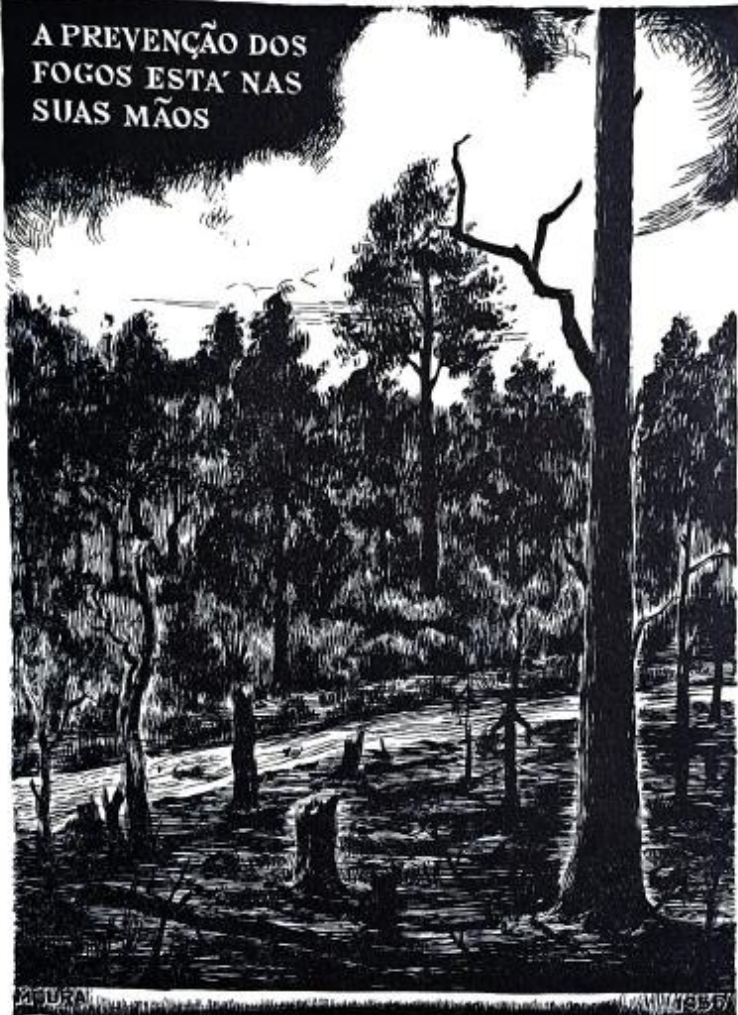




II

# **O fogo como problema nacional**

A PREVENÇÃO DOS  
FOGOS ESTÁ NAS  
SUAS MÃOS



" TODOS PERDEM QUANDO  
AS FLORESTAS ARDEM "

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS FLORESTAIS E AQUÍCOLAS  
CIRCUNSCRIÇÃO FLORESTAL DE VILA REAL  
CIRCUNSCRIÇÃO FLORESTAL DO PORTO

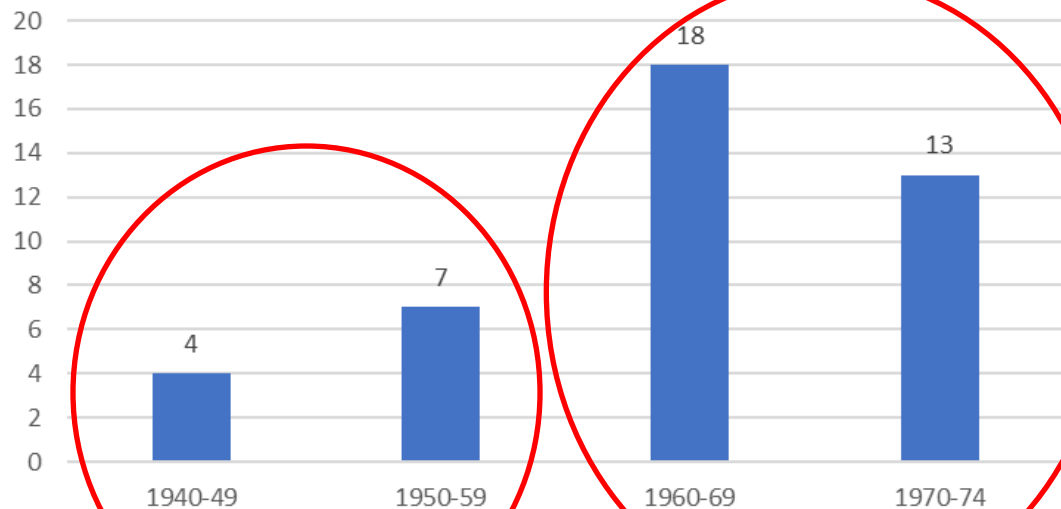
## PRINCIPIOS BÁSICOS DE LUTA CONTRA INCÊNDIOS NA FLORESTA PARTICULAR PORTUGUESA

Trabalho inédito de

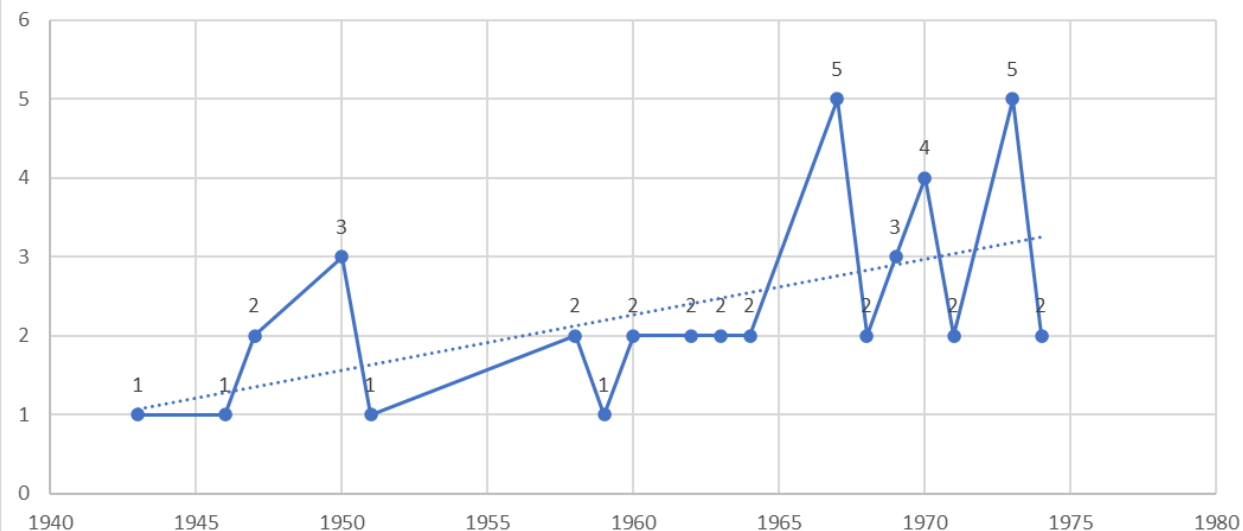
Vasco Quintanilha, Eng<sup>o</sup> Silv.  
Ernani José da Silva, Eng<sup>o</sup> Silv.  
José Moreira da Silva, Eng<sup>o</sup> Silv.

PORTO, 1965

Sessões parlamentares em que foram debatidos incêndios florestais (por década)



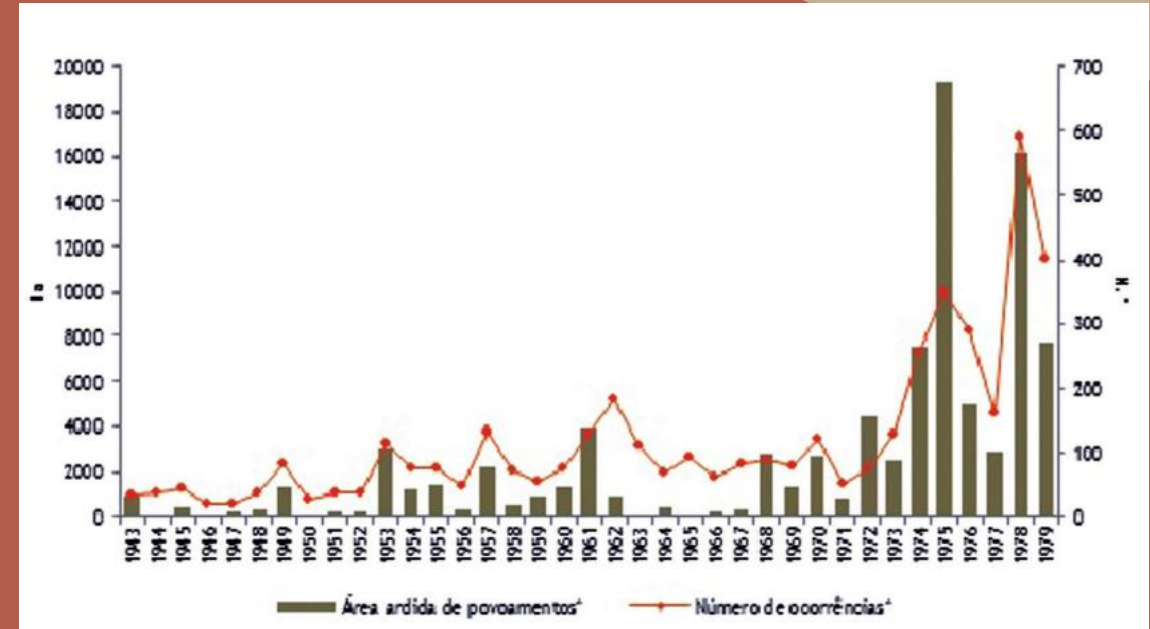
Sessões parlamentares em que foram debatidos incêndios florestais (por ano)



Keywords: “fogos florestais”, “fogo florestal”, “fogo controlado” “incêndio florestal”, “incêndios florestais”, “fogo AND floresta”, “fogo AND mata”, “incêndio AND floresta”, “queimada”



- **1945**, Serra da Lousã
- **1961**, Serra da Aveleira/Arganil
- **1961**, Vale do Rio/Figueiró dos Vinhos
- **1962**, Viana do Castelo
- **1964**, Boticas
- **1966**, Serra de Sintra
- **1966**, Serra de Monchique



Leite, Lourenço e Bento-Gonçalves (2014)



Aldeia de Vale do Rio (1961)

**"A prevenção, a detecção e o combate a incêndios florestais revestem-se de extrema complexidade, dadas as suas múltiplas incidências.** Esta a razão por que se reconhece, pelo menos em relação à propriedade florestal privada, a necessidade de uma acção concertada de diversas entidades, entre as quais os serviços florestais têm de desempenhar papel de capital importância (...)

Entretanto, não pode esquecer-se que a estrutura da propriedade florestal privada contribui de forma decisiva para aumentar a acuidade do problema. E, embora se possa entender que a defesa da floresta privada compete principalmente aos proprietários, **não oferece dúvida que toda a floresta representa uma riqueza nacional, que importa salvaguardar no seu conjunto, evitando também outras consequências que muitas vezes resultam dos incêndios florestais."**

**III**

**Uma recuperação  
científica do fogo?**



"(...) a **vaga de incêndios que, uma vez mais, percorreu no último Verão extensas áreas do património florestal português** acarretou prejuízos materiais e sociais, diretos e indiretos, de várias ordens, em especial nas zonas deprimidas de minifúndio florestal a norte do Tejo"

---

Resolução nº 299/79 de 29 de dezembro sobre a Direcção-Geral de Ordenamento e Gestão Floresta

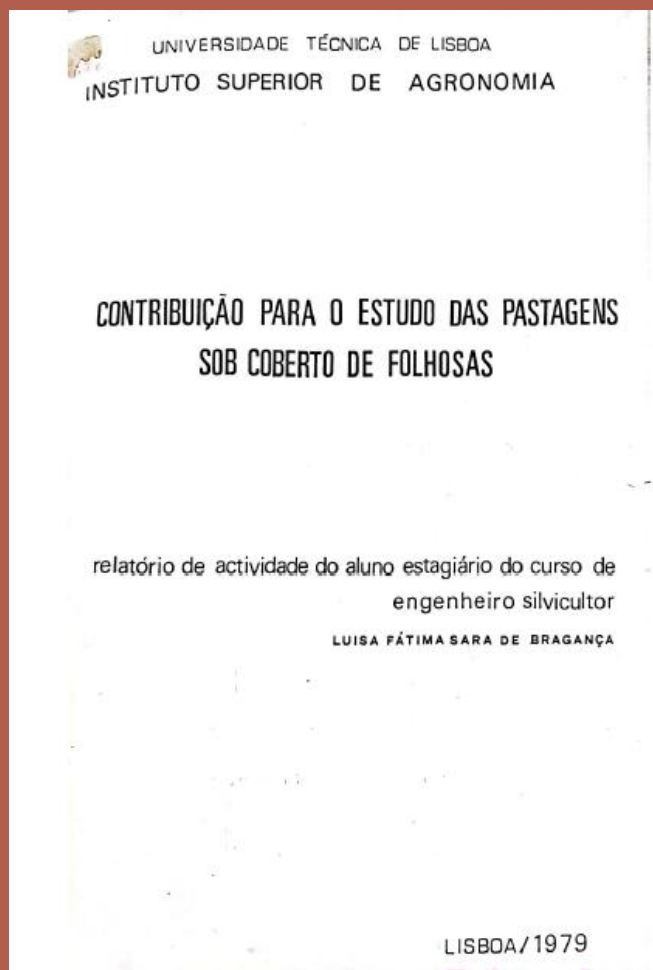
---

"(...) a nossa floresta tem vindo, anualmente, a **ser devastada por incêndios e que os avultados prejuízos resultantes se cifram em centenas de milhares de contos de madeira ardida e num despovoamento que só pode ser recuperado ao fim de muitos anos.**"

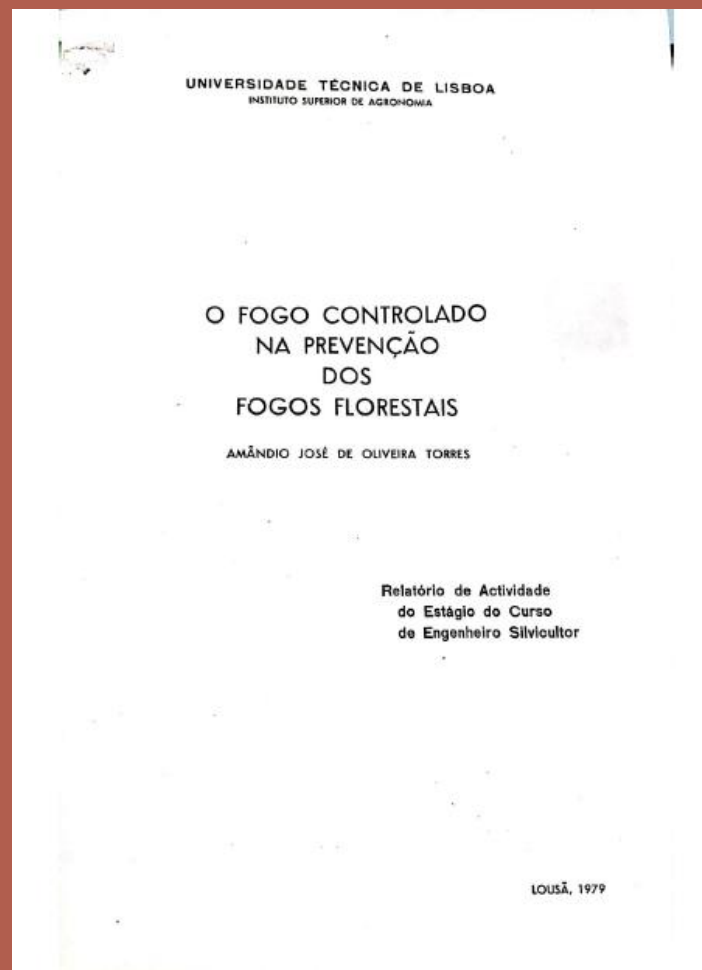
---

Decreto-Lei nº 327/80 de 26 de agosto sobre a prevenção e deteção de incêndios florestais

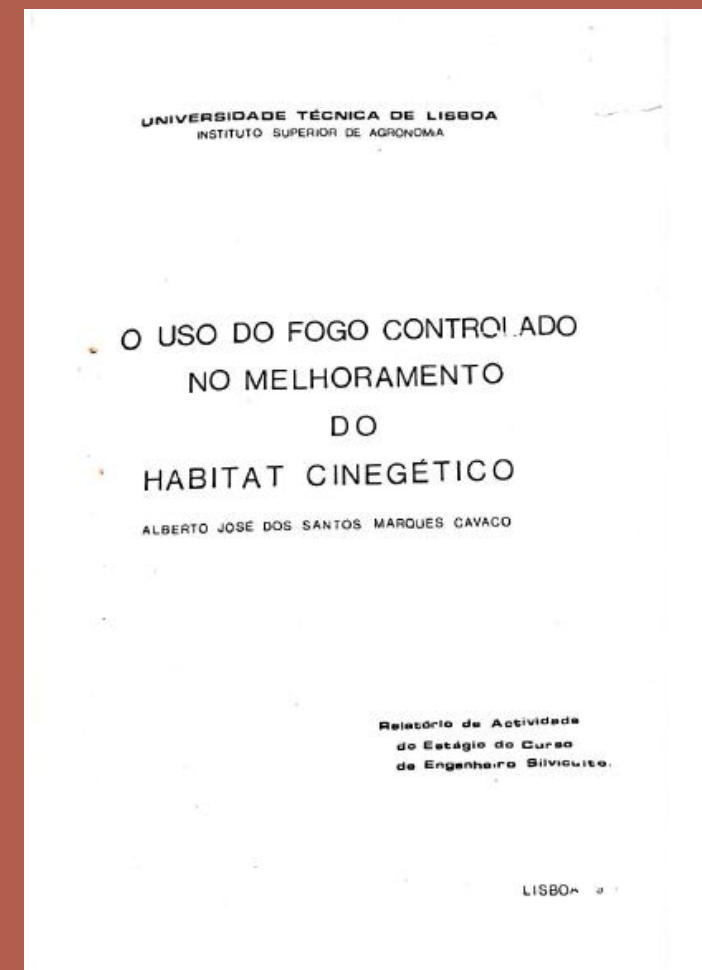
---



Luísa Fátima de Bragança,  
*Contribuição para o estudo das  
pastagens sobre coberto de  
folhosas*(1979)



Amândio José de Oliveira Torres, *O  
fogo controlado na prevenção dos  
fogos florestais*  
(1979)



Alberto José dos Santos Cavaco, *O  
uso do fogo controlado no  
melhoramento do habitat cinegético*  
(1979)

ALGUNS ASPECTOS ECOLÓGICOS E SOCIAIS RELACIONADOS  
COM O FOGO

J. MOREIRA DA SILVA

Todos sabemos que a floresta natural "não arde" o que quer dizer que ela tem em si a capacidade da sua própria defesa e recuperação. Na floresta de caducifolias a humidade que lhe está associada e a

"(...) terá de ser recuperada, à custa de exaustivos inquéritos junto dos pastores e agricultores mais idosos (o tempo urge...) **a ancestral prática cultural da utilização do fogo frio, para eliminar os perigosos fogos selvagens de verão.**"

Por razões de diversa ordem (e não cabe aqui discutir se deverá ou não ser revista esta opção) fomos "empurrados" para a utilização, em larga escala, duma espécie exótica - pinheiro bravo - especialmente sensível ao fogo e isto agravado pelo facto de no nosso país se verificar um elevado perigo de incêndio durante o verão pois às temperaturas mais elevadas correspondem fracas pluviosidades e baixas percentagens de humidade relativa do ar. É com esta realidade que



Obrigado!